



SEÇÃO: ARTIGOS

Tecendo estratégias didáticas por meio do estágio supervisionado em terapia ocupacional

Tejiendo estrategias didácticas a través de prácticas supervisadas en terapia ocupacional

Weaving didactic strategies through supervised internship in occupational therapy

Késia Maria Maximiano de Melo¹,
Amara Lucia Holanda Tavares Battistel², Tânia Fernandes Silva³

RESUMO

O objetivo do artigo foi descrever os caminhos didático-pedagógicos para a construção do estágio supervisionado em terapia ocupacional no campo social. A terapia ocupacional social é um campo de saberes e práticas que, por meio de ações que articulam o macro e o micros social, se direciona a populações em fragilidade ou rupturas das redes sociais de suporte e que vivenciam dificuldades na participação social. Adota-se como metodologia o relato de experiência que toma como dados os registros do estágio supervisionado. Apesar dos impasses relacionadas às ações desenvolvidas no estágio, foi possível constituir o raciocínio profissional a partir do aporte teórico-metodológico que a terapia ocupacional social propõe. Entende-se os desafios contextuais para a elaboração de uma estratégia didática que possibilite a construção do raciocínio profissional, tendo como lócus central as

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Santa Maria, RS, Brasil.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1397-2688>. E-mail: kesia.maximiano@ufsm.br

² Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Santa Maria, RS, Brasil.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7932-3659>. E-mail: amara.battistel@ufsm.br

³ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Santa Maria, RS, Brasil.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9741-313X>. E-mail: tania.silva@ufsm.br

práticas desenvolvidas no estágio supervisionado, porém ressalta-se a potência que este espaço possui ao alinhar a realidade do campo com as discussões teóricas construídas.

Palavras-chave: população em situação de rua; estratégias didáticas; estágio supervisionado; terapia ocupacional.

RESUMEN

El objetivo del artículo fue describir los caminos didáctico-pedagógicos para la construcción de la pasantía supervisada en terapia ocupacional en el campo social. La terapia ocupacional social es un campo de saberes y prácticas que se dirige a poblaciones en fragilidad o rupturas en las redes de apoyo social y que experimentan dificultades en la participación social, a través de acciones que articulan lo macro y microsocioal. Se adopta como metodología el informe de experiencia que toma como datos los registros de la pasantía supervisada. A pesar de los impasses relacionados con las acciones desarrolladas en el internado, fue posible construir el razonamiento profesional a partir del sustento teórico-metodológico que propone la terapia social ocupacional. Se comprende los desafíos contextuales para la elaboración de una estrategia didáctica que permita la construcción de razonamientos profesionales teniendo como locus central las prácticas desarrolladas en la pasantía supervisada, pero se enfatiza el poder que tiene este espacio al abordar la realidad del campo con las discusiones teóricas construidas.

Palabras clave: población sin hogar; estrategias didácticas; pasantía supervisada; terapia ocupacional.

ABSTRACT

The objective of the article was to describe the didactic-pedagogical paths for the construction of the supervised internship in occupational therapy in the social field. Social occupational therapy is a field of knowledge and practices that is aimed at populations in fragility or ruptures in social support networks and who experience difficulties in social participation, through actions that articulate the macro and the microsocioal. The experience report that takes as data the records of the supervised internship is adopted as a methodology. Despite the impasses related to the actions developed in the internship, it was possible to build the professional reasoning from the theoretical-methodological support that social occupational therapy proposes. It is understood the contextual challenges for the elaboration of a didactic strategy that allows the construction of professional reasoning having as a central locus the practices developed in the supervised internship, but it is emphasized the power that this space has when tacking the reality of the field with the discussions constructed theories.

Keywords: homeless population; didactic strategies; supervised internship; occupational therapy.

INTRODUÇÃO

O estágio é uma atividade curricular obrigatória que possibilita ao discente promover a articulação entre os conhecimentos construídos durante o processo formativo — seja no âmbito teórico ou no interior de práticas de disciplinas, e ainda, nas práticas extensionistas e de desenvolvimento de pesquisas — e as demandas dos campos de atuação.

Buriolla (1995) aponta que o estágio supervisionado oportuniza ao aluno espaços de reflexão, além de um olhar acerca da dinâmica que envolve as relações no campo, que são atravessadas pela crítica, com destaque para a supervisão desenvolvida no estágio como um processo dinâmico e criativo, que media a elaboração de novos conhecimentos.

De acordo com as reflexões tecidas por Marran e Lima (2011), a partir do debate sobre a necessária indissociabilidade entre teoria e prática, ao relacionar a prática com a práxis,

A contribuição do estágio na formação profissional, a partir do saber-fazer não se reduz ao conhecimento de um punhado de técnicas e metodologias de ensino, mas com o que fazer para a promoção da qualidade da intervenção, resultando numa aprendizagem significativa por conta do aprimoramento e desenvolvimento de habilidades e competências discentes à luz de uma postura crítico-reflexiva, assim em qualquer momento estarão sendo revisitadas as questões de cunho ético, instrumental, epistemológico e humanas, dentre outras (MARRAN; LIMA, 2011, p. 6).

Werneck *et al.* (2010) refletem sobre a importância do estágio supervisionado enquanto parte do processo de formação profissional que resulta na autonomia profissional e política do estudante, especialmente, a partir do contato com a realidade dos serviços, num nível micro, mas também da lógica que os constrói, em meio a um cenário de articulação e disputas no interior das políticas públicas. Os autores defendem que tal cenário traz à tona as questões dos direitos das pessoas, da cidadania e da ética que permeia o dia a dia dos cotidianos de trabalho.

Nessa direção, a construção de posturas éticas e de cuidados pontuados por graus de validade social e científica dos processos de criação e de intervenção profissional, da elaboração de leituras em meio ao cotidiano e às crises que solicitam encaminhamentos coerentes e fidedignos (MARRAN; LIMA, 2011) passam a se compor como eixos centrais na articulação de um saber-fazer que dialogue com a materialidade da vida, com a realidade dos serviços, e, em maior instância, com as políticas públicas, sobretudo, na criação de

estratégias no caso da terapia ocupacional, para a ampliação das possibilidades de participação social dos sujeitos, grupos e populações para os quais se destina a ação técnica.

Tendo em vista a importância dos debates postos sobre o estágio supervisionado, este artigo tem como objetivo central descrever os caminhos escolhidos e percorridos, bem como seus referenciais teórico-metodológicos, para a construção do estágio supervisionado em terapia ocupacional no campo social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFMS), no primeiro semestre de 2022.

Terapia ocupacional social: situando o referencial teórico-metodológico

A terapia ocupacional no campo social se constitui como uma subárea da terapia ocupacional, cuja atenção está voltada para os indivíduos, grupos e populações que, em decorrência dos impactos das desigualdades sociais, encontram dificuldades na construção democrática de seus cotidianos e na participação social (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 1999, 2002).

A subárea encontra-se com seus primeiros debates, de acordo com Galheigo (2016), no fim da década de 1970, tendo como disparador uma preocupação com a questão social. Lopes (2016) conta que a emergência dessas preocupações se deu pela ebulição política que compunha fortemente o cenário nacional, abrindo espaço para a participação da população, que passou a se mobilizar e a discutir um grande número de questões, tendo como eixos centrais a democratização, a luta por direitos de cidadania, a contestação do *status quo* vigente e o correspondente debate das alternativas à ordem econômica vigente.

Ainda, sustentados pela crítica aos processos de institucionalização, terapeutas ocupacionais perceberam que na prática do cotidiano institucional o sentido das atividades utilizadas, bem como de seus programas terapêuticos, transcendia sua apreensão imediata (BARROS GHIRARDI; LOPES, 2002). Essa crítica também se sustentava no fato de que a atuação da terapia ocupacional nas instituições totais tinha como objetivo combater a ociosidade, além de ser um importante recurso na manutenção institucional (NASCIMENTO, 1991), colocando para a terapia ocupacional a demanda de trabalhar a partir da adaptação social (GALHEIGO, 1991).

Em meio a um cenário de crescentes desigualdades sociais evidenciadas pelo contexto da ditadura militar (GALHEIGO, 2016), e de grande efervescência política (LOPES, 2016), os terapeutas ocupacionais passavam a questionar seu lugar enquanto técnicos, especialmente naquilo que se refere a como exercer um papel político a partir da prática terapêutico-ocupacional, participando, técnica e politicamente, da luta pela hegemonia (LOPES, 1993).

Surge também, nesse contexto, a importância e a necessidade de acionar conceitos e debates que subsidiassem uma ação pautada nas negociações sociais, no descentramento de ações individualizadas, especialmente ao se questionar sobre os conhecimentos que embasavam a prática da profissão, considerando que estes estavam postos numa perspectiva pautada em modelos centrados nas ciências biológicas e nos saberes médico-psicológicos, o que não contribuía na leitura de questões que deveriam ser respondidas com base na não disciplinarização e na não institucionalização dos problemas sociais (BARROS GHIRARDI; LOPES, 2002). Esse alargamento das bases da profissão acontece, de maneira mais específica, nos anos 1990, lançando mão de referenciais que oferecessem ferramentas, conceitos e debates críticos direcionados para a compreensão das desigualdades sociais, da questão social e das dinâmicas que as constroem, redefinindo objetos e metodologias de intervenção. O descentramento do indivíduo na sua singularidade para o coletivo, a relação dialética entre o macro e o microssocial, o olhar direcionado para os processos de vulnerabilidade e desfiliação social (CASTEL, 1994), bem como para as diferenças que constituem lugares desiguais (MELO; MALFITANO; LOPES, 2020) vão se alocando como pontos nodais da constituição do campo, tomando a cidadania como eixo articulador de suas ações (LOPES *et al.*, 2008).

No fim dos anos 1990, é fundado o Projeto METUIA, hoje Núcleo METUIA – Terapia Ocupacional Social, e, com ele, o desenvolvimento de práticas, de formações e de estudos que vão ao mesmo tempo construindo, desenhando e fundamentando metodologias específicas de ação no campo, dialogando com novos referenciais teóricos, com suas proposições, inquietações e possibilidades frente às iniquidades sociais.

Nos anos 2000, após o processo de debates acerca das categorias profissionais que deveriam compor as equipes dos serviços socioassistenciais do Sistema Único da Assistência Social - SUAS, a terapia ocupacional passa a figurar como uma profissão que pode ingressar nos serviços socioassistenciais, alcançando novos patamares de formalização no campo social (ALMEIDA *et al.*, 2015).

A Política Nacional da Assistência Social, a população em situação de rua e as casas de passagem: Apresentando o campo

A assistência social, no Brasil, ganha contornos de política pública em 2004, 16 anos após a promulgação da Constituição Federal de 1988 deliberá-la como um direito social. Tomando a proteção social enquanto forma de garantia de direitos e cidadania frente às inseguranças sociais, a Política Nacional da Assistência Social (PNAS) coloca a territorialidade, a matricialidade sociofamiliar e a intersetorialidade como eixos norteadores para a efetivação da garantia de acesso aos direitos sociais (BRASIL, 2005).

A proteção social, no interior da PNAS, se organiza por níveis de atenção, sendo a Proteção Social Básica responsável por contribuir com o fortalecimento de vínculos e potencialidades a fim de evitar situações de risco à população que se encontra em vulnerabilidade social. A Proteção Social, no entanto, atua frente ao manejo dos casos em que o cenário de violação de direitos encontra-se instalado. Cardoso (2022) explica:

Nesta esfera, a Proteção Social se subdivide em Média e Alta Complexidade. Compete, então, à Média Complexidade o acompanhamento e intervenção nos casos em que há violação de direitos, mas se preservam os laços comunitários e familiares; por sua vez, a Alta Complexidade prevê proteção integral, isto é, a provisão de moradia, alimentação, vestuário, entre outras necessidades básicas, a indivíduos e famílias, que, em decorrência de cisão familiar e/ou comunitária, vulnerabilidade socioeconômica e/ou se encontrem em situação de ameaça, não contam com recursos próprios para a subsistência (CARDOSO, 2022, p. 12).

Neste último nível de complexidade, situam-se as casas de passagem, que segundo a Tipificação dos Serviços Socioassistenciais (BRASIL, 2013), é um tipo de serviço destinado às pessoas em situação de rua e desabrigo por abandono, migração e/ou ausência de residência ou pessoas em trânsito e sem condições de autossustento.

A Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua entende essa população como um grupo em que há:

a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009, p. 8).

A casa de passagem se localiza como um serviço da rede socioassistencial que visa oferecer assistência à população em situação de rua, mas não é o único. Serviços como o Centro POP, Acolhimento institucional, especializados em abordagem social, também são exemplos localizados na rede de serviços socioassistenciais que tomam essa população como público-alvo (BRASIL, 2005). Assim, percebemos e defendemos que a atenção específica do Estado a essa população não pode ocorrer de maneira localizada, mas no interior da composição de uma rede que ultrapasse os limites de um serviço ou de um único setor, que deve se articular e pensar propostas que respondam às demandas colocadas.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, que descreve a construção de estratégias didáticas para o referencial teórico-metodológico na elaboração das proposições das atividades do estágio supervisionado de terapia ocupacional no campo

social, no curso de Terapia Ocupacional da UFSM. Essa construção se iniciou antes do período letivo e se estendeu ao longo dele, referente ao primeiro semestre do ano de 2022.

O relato está baseado nos registros individuais da docente supervisora ao longo do processo na descrição das estratégias utilizadas para proposição das atividades, na execução dessas estratégias, na relação com o campo e nos entraves e desafios pedagógicos.

Assim, para fins analíticos, estruturamos os resultados em três eixos, que correspondem às tecnologias sociais/metodologias de ação em terapia ocupacional social, nas quais as ações se ampararam e se desenvolveram: oficinas de atividades, dinâmicas e projetos; dinamização da rede de atenção; acompanhamentos singulares e territoriais, e articulação de recursos no campo social.

As oficinas de atividades na casa de passagem ocorriam semanalmente, às terças-feiras e sextas-feiras, com duração média de uma hora. Contavam com os acolhidos que desejavam participar, apesar de as normativas da casa apontarem para a obrigatoriedade da participação em caso de permanência na casa no horário em que elas ocorriam, o que exigiu negociações diversas relacionadas ao serviço. A partir das oficinas, demandas coletivas e individuais eram levantadas e debatidas, desdobrando-se no entrelace com outras tecnologias sociais, conforme descrito acima.

Segundo Lopes *et al.* (2014), as tecnologias sociais referem-se a produtos, a técnicas ou a metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem alternativas para a transformação social.

O cenário da prática

Na Universidade Federal de Santa Maria, atualmente, o curso de Terapia Ocupacional, que possui duração de oito semestres, aloca suas disciplinas de estágio supervisionado no sétimo e no oitavo semestre. Dispõe de nove campos de estágio, sendo que dois deles devem ser obrigatoriamente cursados, um a cada semestre do último ano de graduação. A carga horária total de cada um dos estágios corresponde a 345 horas, divididas entre supervisão teórica e práticas no campo.

É importante mencionar que o curso foi criado em 2009, a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. No estado do Rio Grande do Sul, não havia cursos de graduação em Terapia Ocupacional em universidades públicas (UFMS, 2018). Vale destacar, ainda, que no município de Santa Maria há apenas dois cursos de graduação em Terapia Ocupacional, sendo o da UFSM o único alocado em uma universidade pública. Isso ajuda a entender o baixo quantitativo de profissionais

atuando na rede pública de serviços e, ainda, a ausência completa de profissionais atuando especificamente no campo social.

Atualmente, no âmbito do estágio em terapia ocupacional no campo social, as práticas vêm se desenvolvendo a partir de uma casa de passagem situada na região central da cidade, que tem como objetivo abrigar, por um período de até 90 dias, pessoas que se encontram sem moradia.

Como o ponto de partida para a tessitura do campo se deu a partir de uma casa de passagem, as pessoas em situação de rua se tornaram a população para a qual elaborávamos as nossas ações. A casa de passagem foi o ponto de partida, mas, não necessariamente o de chegada. As ações foram sendo construídas a partir do que foi sendo entendido como reconhecimento da rede de serviços para população em situação de rua, de ações do Projeto de Extensão “UFSM nas ruas” e da elaboração de estratégias para o trânsito entre o individual e o coletivo, o macro e o micro, o local e o global. As supervisões teóricas, momento do estágio em que são discutidas as relações entre as questões do campo e as proposições teóricas que ele aciona, ocorreram no prédio do curso de Terapia Ocupacional da universidade. Este foi um espaço de discussões para a articulação teórico-prática, para o desenvolvimento das estratégias implementadas no campo e para discussões sobre quais os caminhos para pensar a elaboração de práticas que coubessem nas proposições teórico-metodológicas do campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Oficinas de atividades, dinâmicas e projetos

As oficinas de atividades, as dinâmicas os projetos se compõem como estratégias naquilo que vem sendo entendido como intervenções coletivas. Elas partem, portanto, do uso das atividades no contexto de sujeitos individuais e coletivos, para então, se pensar dinâmicas e projetos (PAN; BORBA; LOPES, 2022). Nesse sentido, se configuram como

espaços de convivência e aproximação dos sujeitos, em que podem ser utilizadas atividades diversas (corporais, lúdicas e plásticas) como recursos mediadores em sua operacionalização, buscando a aproximação com as demandas dos sujeitos parametrizadas pelas noções de cidadania, direitos/deveres e participação democrática (SILVA; MALFITANO, 2021, p. 3).

Entendemos, portanto, que a ação sustentada na terapia ocupacional social, por meio do uso das oficinas, permite o encontro com os múltiplos sujeitos da ação, e partindo desse princípio, fizemos uso desta tecnologia de intervenção para promover espaços de troca, de convivência, de reconhecimento de demandas, entre outros.

Esse foi um importante espaço de experimentação para os alunos, especialmente se considerarmos que este grupo específico de estagiários que estavam em campo durante a construção e execução dessa proposta didática teve disciplinas como Estudos do Fazer Humano III, que tem como proposta central apresentar conceitos e concepções sob a perspectiva da construção de um aparato conceitual e prático de técnicas e abordagens grupais no período da pandemia. De maneira mais específica, a disciplina visa a compreensão dos sentidos sociais, políticos, econômicos e culturais presentes nos diferentes tipos de grupos, além do desenvolvimento de competências e habilidades para a leitura do cotidiano e sua correspondência com a história de vida dos grupos inseridos e sua expressão singular.

A tarefa que se impunha para a supervisão de campo, naquele momento, remetia a um espaço de experimentação do planejamento, execução e manejo de uma oficina, considerando as especificidades do campo, e sua utilização numa proposta teórico-metodológica específica. Assim, num trançar direto entre as técnicas de manejo de oficinas, as nuances do campo social para a terapia ocupacional e o planejamento das ações, a compreensão da prática ia se desenhando.

As oficinas aconteciam na casa de passagem, em dois turnos ao longo da semana, durante quinze semanas, explorando temas como estratégias de convivência, direitos sociais, recursos disponíveis para reconstituição da vida dos acolhidos, rede de serviços, fortalecimento pessoal e social, entre outros. Todos os debates suscitados nas oficinas caminhavam numa direção de fomento à cidadania, tomando a atividade como mediadora do processo de ação, entendida de forma contextual, em suas dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas (PAN; BORBA; LOPES, 2022).

De acordo com as mesmas autoras, o uso das oficinas também ocorre entrelaçado à possibilidade da construção de projetos, que, mediante o reconhecimento de demandas, em construção com os sujeitos da ação, são consequências do processo de intervenção terapêutico ocupacional, na direção de proposições conjuntas, singulares, individuais ou coletivas.

As demandas percebidas ao longo das oficinas eram discutidas na supervisão teórica do estágio, articuladas às leituras, reflexões e debates sobre o campo e as problemáticas que os norteiam, e rediscutidas com os acolhidos e com a equipe do serviço, suscitando a proposição de um projeto denominado Oficina de Projetos de Vida. Essa oficina tinha como perspectiva, através do fortalecimento pessoal e social, pensar estratégias conjuntas para o planejamento das ações que envolviam as possibilidades dos acolhidos após os noventa dias de permanência na casa de passagem. Isso envolvia um debate acerca das possibilidades de acesso, trabalho, apropriação de determinados espaços, circulação nos lugares públicos,

mobilização de recursos, fortalecimento e reconstrução de redes sociais de suporte, entre outros.

A elaboração das oficinas demandou dos estagiários a capacidade de raciocínio profissional, a crítica sobre as realidades e as possibilidades concretas de vida dos sujeitos, o reconhecimento das políticas públicas e das redes de serviços que envolvem a atenção específica a essa população, a defesa dos direitos e o posicionamento ético-político. Além disso, demandou capacidade de acolhimento e exercício da alteridade.

No nível do serviço, também foram desenvolvidas atividades de aproximação com o cotidiano de trabalho, a partir das práticas de acolhimento de usuários dos assistidos realizado junto a outro profissional da equipe, reuniões com a equipe, discussão de casos individuais, proposição de práticas coletivas, entre outros.

Dinamização da rede de atenção

Essa tecnologia de intervenção estava intrinsecamente ligada ao desenho do campo que fomos compondo ao longo do estágio, tendo em vista que, segundo Lopes *et al.* (2011), trata-se de uma estratégia de intervenção direcionada à interação e à integração de políticas, programas, projetos e serviços voltados aos grupos populacionais que estão em foco nessas intervenções. Nesse sentido, tomando a população em situação de rua como o público-alvo das ações desenvolvidas no estágio, mobilizar a dinamização da rede envolvia, primeiramente, conhecer o que estava disposto na Política Nacional para Inclusão Social da Pessoa em Situação de Rua. Entender o que havia disponível, no que diz respeito à rede de serviços, programas e projetos, se caracterizava como o reconhecimento de um cenário e daquilo que era possível articular para além dos serviços.

Num primeiro momento, a atividade vinculada a essa tecnologia de intervenção, que também dizia respeito a criar subsídios para pensar como responder às demandas que surgiam no interior das oficinas, envolvia o que chamamos de mapeamento da rede para população em situação de rua na cidade de Santa Maria. Esse mapeamento surge pela necessidade de uma articulação entre o macro e o microsocial, mas, também, como forma de pensar estratégias futuras para mobilizar aquilo que havia disponível em termos de serviços, no município, e mediar uma articulação mais consistente das ações.

Os estagiários tiveram uma carga horária disponível para realizar esse mapeamento, que foi sendo mediado pelo acesso aos diversos atores, a partir da mediação da equipe da casa de passagem. Assim, diversos serviços foram sendo identificados, visitados e acionados para uma troca, no sentido de entender o seu lugar na rede, o perfil das ações e da população assistida, nos recortes específicos dessa população. Foi criado um roteiro de entrevistas para guiar essas conversas.

Outra forma de mobilizar e dinamizar a rede ocorreu por meio da interação mediada pelo Projeto “UFSM nas ruas”. O projeto vinha se mobilizando, a partir de ações extensionistas, a compor a equipe do censo das pessoas em situação de rua em Santa Maria. O censo faz parte de uma iniciativa da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, que instituiu um grupo de trabalho, constituído por representantes do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), das Casas de Passagem, do curso de Serviço Social e do Projeto “UFSM nas ruas”. O grupo elaborou um questionário para conhecer o quantitativo e o perfil das pessoas em situação de rua no município, visando elaborar ações mais específicas que vão ao encontro das demandas dessa população e viabilizar as discussões que envolvem a implantação de um Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, o Centro POP, serviço tipificado na Política Nacional da Assistência Social.

No censo, a aplicação dos questionários em equipamentos da rede e na rua contou com a participação dos estagiários, possibilitando-os o contato com os diversos atores da rede, com o público-alvo da política pública que norteava a ação e com a população com a qual estavam sendo construídas as ações, no âmbito do estágio, nos cenários institucionais e no território. Ainda no que diz respeito à rede, os estagiários participaram de reuniões do Conselho Municipal da Assistência Social, a fim de se aproximarem dos debates que envolvem a gestão e as possibilidades de articulação, bem como os setores e serviços que envolvem a atenção a essa população.

Assim, criou-se caminhos para a mobilização da tecnologia de intervenção, entendendo que, de acordo com Barros, Ghirardi e Lopes (2002), é necessário para tal que se conheça as políticas públicas e sociais de maneira ampla, principalmente aquelas voltadas para a população-alvo das ações, entendendo, inclusive, as implicações macroestruturais no cotidiano da vida dos sujeitos. Desse modo, é possível conceber ação do terapeuta ocupacional, a partir dos referenciais teóricos da terapia ocupacional, como um articulador social, em que a atuação técnica não se desvincula da atuação política (LOPES, 2016), com vistas à inclusão e participação social.

Acompanhamentos singulares e territoriais e articulação de recursos no campo social

O uso dessa tecnologia se deu a partir da prática no cotidiano do serviço, especialmente via desenvolvimento das oficinas e reuniões de equipe. De acordo com Lopes *et al.* (2014), essa tecnologia corresponde a um tipo de intervenção terapêutico-ocupacional que se propõe a indivíduos ou grupos em que o cuidado com suas demandas extrapola as práticas coletivas, de modo que se demanda uma atenção mais singularizada, na direção da construção conjunta de soluções e estratégias.

Tais acompanhamentos partem da escuta atenta das demandas de pessoas, grupos ou coletivos, na maioria das vezes determinadas pela situação de vulnerabilidade, desigualdade social e falta de acesso a serviços sociais e bens essenciais, na direção do seu equacionamento (LOPES; BORBA; CAPPELLARO, 2011; MALFITANO; ADORNO; LOPES, 2010).

Tendo em vista a alta rotatividade dos acolhidos nos serviços, muitas vezes, algumas demandas eram trazidas, pensadas no grupo de estagiários, discutidas com a equipe, porém, ao retornarmos na semana seguinte ao serviço, esse acolhido já não se encontrava mais na situação de abrigo.

Percebia-se que as demandas dos sujeitos individuais extrapolavam as questões que diziam respeito à aquisição de documentos de identificação, ou à concessão de benefícios. Muitas vezes, essas demandas se localizavam na mediação de contatos com familiares e pessoas do círculo social próximo ao acolhido, para reconstrução de vínculos, e, portanto, constituição de redes sociais que oferecessem suporte na execução de estratégias que viabilizassem a construção de novos cotidianos, fora da situação de desabrigo. Em outros casos, a mediação necessária dizia respeito à inserção nos espaços formais de educação, ou no acesso a serviços de saúde, ou ainda, na inserção em cursos profissionalizantes.

Articular essas estratégias partia de uma construção conjunta com os acolhidos e com a equipe e correspondia à intervenção que se constrói a partir da responsabilização pelos processos correlacionando ações de diferentes níveis que são focalizados nos indivíduos, grupos, instituições e serviços (LOPES; MALFITANO, 2016).

Vale salientar que, de acordo com Lopes *et al.* (2014), a articulação de recursos no campo social envolve

utilizar os recursos possíveis, compreendidos como dispositivos financeiros, materiais, relacionais, afetivos, sejam eles micro ou macrosociais, para compor as intervenções. Sendo assim, é necessário dispor de metodologias de intervenção que também estejam inseridas nesses diferentes níveis, para que sejam possíveis a identificação, a negociação e a efetiva contribuição desses recursos (LOPES *et al.* 2014, p. 598).

No âmbito das ações desenvolvidas no estágio, essas estratégias não foram mobilizadas, tendo em vista os impasses temporais, já mencionados anteriormente. No entanto, para fins didáticos, os casos foram discutidos e as estratégias foram elaboradas como forma de constituição de raciocínio profissional. Vale ressaltar que, conforme debatido por Pan, Borba e Lopes (2022), o uso dessa tecnologia deve ser mediado pelo reconhecimento dos recursos disponíveis no território e na rede, o que foi possível de ser trabalhado no campo da construção didática do raciocínio profissional a partir do exercício da elaboração dessas estratégias que foram atravessadas pelo mapeamento da rede de serviços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAFIOS E POTÊNCIAS

A elaboração de uma estratégia didática que contribua com a construção do raciocínio profissional a partir de um estágio supervisionado é desafiadora, especialmente quando entendemos que esse raciocínio é mediado por uma apreensão e um exercício que além de técnico, é ético e, sobretudo, político. No contexto dos estagiários de terapia ocupacional, para atuação no campo social, esse desafio se torna ainda maior quando consideramos a estrutura da matriz curricular, que concentra seu maior número de ofertas em disciplinas das ciências biológicas e da saúde, repercutindo diretamente nas apreensões necessárias para o desenvolvimento das práticas dos estagiários em um campo que se compromete teórico-metodologicamente, descentrando-se do binômio saúde-doença, com a elaboração de estratégias para a inclusão e participação social de sujeitos que são impactados pelos processos que constroem lugares desiguais na nossa sociedade.

A elaboração do estágio ocorre concomitante com o começo da tessitura do campo de atuação profissional no município, demandando que os estagiários apresentem a terapia ocupacional nos espaços que ocupam por meio das práticas do estágio. Dizer da importância profissional extrapola os limites narrativos e se põe como uma tarefa que demanda uma ação consistente, ainda que de formação.

Postos os desafios, é imprescindível dizer da potência que a tessitura das proposições no campo, a partir das tecnologias sociais, possibilitam. Alinhavar possibilidades técnicas, com um cenário de intensos desafios, e ainda, com a escassez de recursos e serviços, implica numa vivência de estágio que convoca politicamente os estagiários, para, de fato, serem articuladores sociais. O fomento à cidadania, enquanto eixo central das construções discutidas, compôs a todo momento as discussões e debates levantados por meio das supervisões teóricas, e nas sutilezas que são colocadas por um campo que convoca o técnico, mas sobretudo o humano, para a ampliação de possibilidades de construção de vidas mais possíveis e vivíveis.

Na mesma medida em que o campo é vivo e dinâmico, as possibilidades didáticas também o acompanham na mesma direção. Nesse sentido, afirmamos a necessidade de reatualizações constantes de estratégias didático-pedagógicas, firmando um compromisso com a formação de terapeutas ocupacionais para esse campo, numa relação análoga à própria atuação, que faz interagir o técnico, o ético, o político, e, sobretudo, o humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marta Carvalho de; SOARES, Carla Regina Silva; MALFITANO, Ana Paula Serrata; LOPES, Roseli Esquerdo; OLIVER, Fátima Correa; SOUTO, Ana Cristina Fagundes. Terapia Ocupacional nos serviços de proteção social básica do SUAS. *In*: CHAGAS, José Naum de

Mesquita; BARROS, Denise Dias; ALMEIDA, Marta Carvalho de; COSTA, Samira Lima da. *Terapia Ocupacional na Assistência Social*. Rio de Janeiro: CREFITO 2, 2015. p. 13-26.

BARROS, Denise Dias; GHIRARDI, Maria Isabel Garcez; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional e sociedade. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 10, n. 2/3, p. 71-76, 1999.

BARROS, Denise Dias; GHIRARDI, Maria Isabel Garcez; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v13i3p95-103>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13903>. Acesso em: 30 dez. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Política Nacional de Assistência Social* (PNAS/2004). Brasília: DF, 2005. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf. Acesso em: 08 ago. 2022.

BRASIL. Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento. Decreto nº 7.053/2009, de 23 de dezembro de 2009. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF. 24 dez. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 08 ago. 2022.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Tipificação dos Serviços Socioassistenciais*. Brasília: DF, 2013. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: 08 ago. 2022.

BURIOLLA, Marta A. Feiten. *Estágio Supervisionado*. São Paulo: Cortez, 1995.

CARDOSO, Nathalia Tomas. *Experiências de estágio profissionalizante em uma casa de passagem de Santos/SP: percursos reflexivos e possibilidades de trabalho em terapia ocupacional social*. Monografia (Graduação em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2022.

CASTEL, Robert. Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: LANCETTI, Antonio (org.). *Saúde loucura*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 21-48.

GALHEIGO, Sandra Maria. Repensando o lugar do social: a constituição de um campo de conhecimento em terapia ocupacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 6., 1991. Águas de Lindóia. *Anais [...]* Águas de Lindóia, 1991.

GALHEIGO, Sandra Maria. Terapia Ocupacional Social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e prática. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana

Paula Serrata (org.). *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 49-68.

LOPES, Roseli Esquerdo. A direção que construímos: algumas reflexões sobre a formação do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 4/7, p. 27-35, 1993.

LOPES, Roseli Esquerdo; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; MALFITANO, Ana Paula Serrata; TAKEITI, Beatriz Akemi; SILVA, Carla Regina; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira. Juventude pobre, violência e cidadania. *Saúde & Sociedade*, v. 17, n. 3, p. 63-76, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000300008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/xDfVHWyFDB4cFsfSJnQ46Np/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira; CAPPELARO, Mayra. Acompanhamento individual e articulação de recursos em Terapia Ocupacional Social: compartilhando uma experiência. *O Mundo da Saúde* (CUSC. Impresso), São Paulo, v. 35, p. 233-238, 2011.

LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira; TRAJBER, Natalia Keller de Almeida; SILVA, Carla Regina; CUEL, Brena Talita. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. *Interface* (Botucatu. Impresso), Botucatu, v. 15, p. 277-288, 2011.

LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata; SILVA, Carla Regina; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira. Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 22, p. 591-602, 2014.

LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Traçados técnico-práticos e cenários contemporâneos: a experiência do METUIA/UFSCar em terapia ocupacional social. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.). *Terapia Ocupacional Social: Desenhos Teóricos e Contornos Práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 297-305.

LOPES, Roseli Esquerdo. Cidadania, Direitos e Terapia Ocupacional Social. In: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.). *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 29-48.

MALFITANO, Ana Paula Serrata; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; LOPES, Roseli Esquerdo. Políticas e ações sociais com a juventude em situação de rua. In: JUBRA – SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE JUVENTUDE BRASILEIRA, Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades, 4., 2010. Belo Horizonte. *Anais [...]* Belo Horizonte: PUC Minas, 2010, v. 1, p. 1648-1658.

MARRAN, Ana Lúcia; LIMA, Paulo Gomes. Supervised curricular internship in Brazilian higher education: Some reflections. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v. 7, n. 2, 2011.

MELO, Késia Maria Maximiano de; MALFITANO, Ana Paula; LOPES, Roseli Esquerdo. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 28, n. 3, p. 1061-1071, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1877>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/PyVQWfBrjPMqSS9xWWNTKfK/?lang=en>. Acesso em: 30 dez. 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. *Loucura, trabalho e ordem: o uso do trabalho e da ocupação em instituições psiquiátricas*. 1991. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

WERNECK, Marcos Azeredo Furquim; SENNA, Maria Inês Barreiros; DRUMOND, Marisa Maia; LUCAS, Simone Dutra. Nem tudo é estágio: contribuições para o debate. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 221-231, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000100027>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/yLcj3JycM3sWfVjSkDWBPLK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 dez. 2023.

PAN, Livia Celegati; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira; LOPES, Roseli Esquerdo. Recursos e metodologias para o trabalho de terapeutas ocupacionais na e em relação com a escola pública. In: LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira (org.). *Terapia Ocupacional, Educação e Juventudes: Conhecendo Práticas e Reconhecendo Saberes*. São Carlos: EdUFSCar, 2022. p. 97-126.

SILVA, Marina Jorge da; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Oficinas de atividades, dinâmicas e projetos em Terapia Ocupacional Social como estratégia para a promoção de espaços públicos. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 25, e200055, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200055>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/gtczzSqV3DqgrcSycCwsVp/?lang=pt>. Acesso em: 30 dez. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Graduação. Projeto Pedagógico do Curso de Terapia Ocupacional. Santa Maria, 2018.

Késia Maria Maximiano de Melo

Professora do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Doutora em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista. Terapeuta ocupacional pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL.

kesia.maximiano@ufsm.br

Amara Lucia Holanda Tavares Battistel

Professora do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Terapeuta ocupacional pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

amara.battistel@ufsm.br

Tânia Fernandes Silva

Professora do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Mestre em Comunicação social pelo Centro Universitário Antônio Carlos – UNIPAC-JF.

tania.silva@ufsm.br

Como citar este documento – ABNT

MELO, Késia Maria Maximiano de; BATTISTEL, Amara Lucia Holanda Tavares; SILVA, Tânia Fernandes. Tecendo estratégias didáticas por meio do estágio supervisionado em terapia ocupacional. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 13, e040760, p. 1-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.40760>.